

Entrevista com o escritor chileno Aldo Astete Cuadra a partir da tradução do conto de terror *El suicidante del Moraleda* para língua portuguesa

Mara Gonzalez Bezerra¹
Universidade Federal de Santa Catarina

Mary Anne Warken²
Universidade Federal de Santa Catarina

Elys Regina Zils³
Universidade Federal de Santa Catarina



Aldo Astete Cuadra. Foto: Arquivo pessoal

Nesta entrevista dialogamos no idioma espanhol com o escritor chileno Aldo Astete Cuadra e disponibilizamos a tradução ao português dessa conversa. O autor, em 2018, foi apresentado para leitores brasileiros, na publicação do conto “O Suicidante do Moraleda”,

¹ Professora universitária de Língua espanhola (UNIASSELVI e UFSC) e tradutora. Doutora em Estudos da Tradução na PGET/UFSC. Pós-doutorado nos Estudos da Tradução. Mestrado em Literatura na PGLIT/UFSC. Licenciada em Letras - Língua e Literatura Espanhola pela Universidade Federal de Santa Catarina – Florianópolis/Brasil. E-mail: mara.gonzalez.lettras@gmail.com

² Bolsista CAPES, tradutora de Língua espanhola, doutoranda no Programa de pós-graduação em Estudos da Tradução na Universidade Federal de Santa Catarina. Possui graduação em Letras-Língua Espanhola e Literaturas e mestrado em Estudos da Tradução pela PGET/UFSC – Florianópolis/Brasil. E-mail: warkenesholufsc@gmail.com

³ Tradutora de Língua espanhola. Possui graduação em Letras-Língua Espanhola e Literaturas e mestrado em Estudos da Tradução pela PGET/Universidade Federal de Santa Catarina – Florianópolis/Brasil. E-mail: elysre@gmail.com

com a tradução feita por Mara Gonzalez Bezerra e Mary Anne Warken, divulgada em edição acadêmica, posteriormente referenciada e utilizada como bibliografia para estudantes do idioma espanhol. Dessa forma, apesar de seu ingresso recente e de sua recepção por intermédio de revista acadêmica pode-se dizer que o autor e a variação do gênero de terror que ele enfatiza e inaugura, estão sendo recepcionados e lidos no sistema brasileiro. Aldo Astete Cuadra (1978) é escritor, editor e conferencista⁴. É gestor de projetos ligados à educação e fomento da leitura nas escolas de educação básica. Como editor, encoraja e promove atividades relacionadas à difusão do mundo editorial valorizando escritores e temas locais. Através de diversas iniciativas e projetos literários é reconhecido como agente cultural que trabalha para a difusão da literatura e formação de novos leitores no seu país.

Outro projeto, ainda no prelo, que diz respeito a sua recepção no Brasil, será a tradução por Mary Anne Warken e Elys Regina Zils da obra literária *El Rapto: el origen del miedo* (2016) de Aldo Astete Cuadra, publicado pela Sur Umbral Ediciones. Essa obra, e o conto “El Suicidante” já traduzido e publicado em 2018, estão inseridos no gênero de terror nomeado pelo autor de *Terror Láríco*⁵, e explicado pelo próprio Aldo nesta entrevista. É um gênero que consiste em uma literatura em sintonia com as raízes identitárias do sul do Chile e suas especificidades. A região é reconhecida pela riqueza cultural e tradições, no que se refere a lendas e mitos entrelaçados do povo Mapuche. É onde se encontra a ilha de Chiloé, conhecida por ser um lugar de lendas de bruxas e outros seres ligados à natureza.

Para a estudiosa do espanhol chileno Teresa Ayala Perez, “[...] é possível conhecer algo mais das comunidades mediante suas formas de expressão no cotidiano, essas vão

⁴ Seus trabalhos podem ser acessados através dos seguintes links:

<<http://austroborea.cl/service/aldoastetecuadra/>>, <<https://surumbral.wordpress.com/>>.

⁵ Esse gênero associa-se ao gótico fantástico, o cenário se assemelha ao sul do Chile, não são mansões ou castelos, mas sim um panorama bucólico, com imagens interioranas, de campo e rurais. Em uma situação atemporal, o leitor pode encontrar recordações e memórias tidas como esquecidas. (CUADRA, A.; BEZERRA, M.; SOBOTTKA, 2018, p. 233-247).

No Chile, “Láríco”, como conceito, foi utilizado pela crítica literária para comentar os trabalhos de poetas consagrados no Chile, considerados “poetas do lar”, entre os quais estão: Efraín Barquero (1931-), Floridoz Perez (1937-), Alfonso Calderón (1930-2009). Disponível em: <<http://www.memoriachilena.gob.cl/602/w3-printer-97923.html>>. O conceito pode ser visto aproximando a imagem de um mundo ideal impossível de ser alcançado, entre mitos e reencontros com a memória, o passado e a comunidade.

Sobre a palavra *Láríco*, no *Novo Dicionário da Língua Portuguesa* (1913), de Candido de Figueiredo, o verbete indica ser um adjetivo que remete a “lar”. Disponível em: <<http://dicionario-aberto.net/dict.pdf>>. Acesso em 10 mar. 2019.

configurando uma rede simbólica nas quais seus integrantes se desenvolvem e modelam uma forma de ver a realidade [...]”⁶ (AYALA PEREZ, 2015, p. 130). Em nossos projetos, queremos evitar o apagamento das referências simbólicas que poderiam ser importantes para a recepção do gênero de terror do qual o conto que traduzimos e o livro que estamos traduzindo aludem. Considerando este aspecto, nosso trabalho dedica-se à tarefa de propor ao leitor brasileiro uma leitura no idioma português sem apagar referências importante do projeto literário do autor.

Sobre a materialidade da obra, o livro *El Rapto, el origen del miedo*, que tem sua tradução em andamento, podemos informar que tem 127 páginas, a narrativa se divide em 28 episódios. A obra apresenta ilustrações em grafite de Ana Oyandel Carvajal (1987), que coloca em desenho cenas relacionadas aos momentos de suspense do enredo. O prefácio da obra é de Carlos Reyes G., quem coloca a narrativa como o *novo gótico chilensis*. Segundo o prefaciador, nesta breve narrativa se sustenta a história que cresce e se desenvolve, colocando em dúvida personagens e leitor. O fantástico nos impõe uma escolha: ou continuamos crentes nas leis da realidade, ou o mundo que conhecemos abre brecha para outras possibilidades.

Hola, Aldo. En primer lugar, nos gustaría que nos hable un poco sobre ti. Cuéntanos un poco acerca de tus orígenes en la literatura, cómo te autodesines en la literatura.

Mis orígenes en la literatura vienen de la poesía, una vez egresé de la universidad como Profesor de educación general básica, junto a otros escritores fundamos el Círculo de Poetas y escritores de Quellón, en la Isla Grande de Chiloé, luego de escribir poesía existencialista y Lira popular, me inicié en el relato en donde creo que encontré un espacio. Publiqué en un periódico local, en blogs especializados en literatura fantástica y terror. Eso desencadenó mi primer libro de cuentos, *Mente suicida y otras muertes* (2012) con una editorial del otro extremo de Chile, Arica. Ese libro me abrió las puertas del mundo de los escritores, luego vendría la antología, *Chile del terror una antología ilustrada* (2014) La participación en diversas antologías de cuento, en 2015 aparecería mi libro de ensayos *Ensayo fantástico*, el cómic *El Meteoro, lo que se esconde en el abismo*, 2016 mi libro, hasta el momento, más exitoso *El Rapto, el origen del miedo*, en 2018 *Parafilias, El rapto*

⁶ [...] es posible conocer algo más de las comunidades a través de sus expresiones cotidianas que van configurando una red simbólica en la que sus integrantes se desenvuelven y modelan una forma de ver la realidad. [...]. (AYALA PEREZ, 2015, p. 130) (nossa tradução)

y otros cuentos en Costa Rica y *Pródromo* en Perú y este año trabajo en proyectos de álbum ilustrado y kamishibai.

Me defino como un escritor que busca despegarse de la normalidad intentando dejar de lado la influencia y buscando una voz propia, en ese trabajo estoy ahora, variando mis registros e intentando publicar todo lo que está almacenado, o al menos, lo que tenga más calidad.

Además de escribir varios textos de terror, de promover conversaciones sobre el tema, participa en la organización del Festival Internacional de Cine de Terror de Valdivia y comanda la iniciativa cultural, Valdivia Capital del Terror. Es decir, has dedicado mucha energía al género terror. Pero, ¿qué significa el género de terror para ti?

Para mí el terror es la posibilidad de explorar nuevos mundos, desarrollar hasta el extremo la imaginación, crear mundos posibles y hacer verosímil lo que no existe. En este plan, el fomento lector en jóvenes en colegios es fundamental, la formación de audiencia y el derribar prejuicios en torno a un género que tiene grandes cumbres en la literatura mundial. El terror es posible entenderlo y desarrollarlo como un género que nada debe envidiar a otros, finalmente se trata de contar buenas historias que consigan conmover al lector.

Tiene experiencia con la escritura, edición y publicación de sus libros. En este escenario, ¿cómo es su relación con el ilustrador de sus libros? ¿Cómo funciona la selección de ilustraciones?

A los ilustradores siempre los veo como coautores, tienen la posibilidad de contar la misma historia desde otra perspectiva, conseguir que un texto se potencie con la visualidad para mí es fundamental. Es por eso que llevo dos libros publicados con Ana Oyanadel, un cómic y un libro que está por venir con All Gore y con Samuel Lizama estamos abordando el kamishibai y el libro álbum. Si no fuera por los ilustradores siento que no sería tan entretenido publicar.

Las ilustraciones ayudan a crear un efecto de silencio que la palabra escrita puede no lograr, pero también puede limitar el espacio para que el lector cree sus propias imágenes. Cuéntanos un poco sobre la contribución de las ilustraciones a la atmósfera de terror en sus libros.

Siento que un ilustrador no solo debe remitirse a reinterpretar literalmente lo que el escritor plasma en el texto, el ilustrador debe ser capaz de poner también su voz en este trabajo, pues ambos son vistos de manera separada, pero también en la simbiosis, por lo que la responsabilidad de realizar un trabajo bien hecho radica en el entendimiento y conexión que ambos tengan, en definitiva, lo pienso como un equipo. Creo que es por esa razón que ahora estoy derivando al libro álbum.

En tu cotidiano de escritor, profesor, entre otros quehaceres ¿Cómo administras/gestionas el tiempo de la escrita? ¿Cuándo escribes, como son tus procedimientos?

El tiempo, lamentablemente es limitado, por todo lo que hago se me hace imposible tener una rutina, por lo que los cuentos o las ideas dan vuelta en mi cabeza por un buen tiempo, las observo como si de una película se tratara o de un story book, luego, cuando las condiciones lo permiten, escribo, por lo general de manera enferma hasta que termino la idea que originó mi enfermedad jajaja, veo la literatura como una enfermedad necesaria, que a uno lo consume, que le da motivos para restablecerse, que permite dejar atrás síntomas que se presentan, esa idea de exorcizar los demonios, por muy cursi que parezca, si es bien conducida da como resultado un texto de calidad. Mi primer libro publicado en Perú con la editorial Ángeles del papel en Lima lleva por título *Pródromo*, y este *pródromo* es el síntoma previo al dolor, es una especie de enfermedad incubada que debe desencadenarse para que a través del dolor demos a luz lo que haga falta para este camino de la escritura.

¿Como eliges el tema para una obra? Por ejemplo, en el Suicidante se perciben los ecos de las leyendas locales del Sur de Chile. ¿Construyes tus escritos desde una perspectiva intertextual? ¿O apenas ofreces pistas y se trata del lector, a su tiempo, entender las cuestiones sociales y culturales transversales al texto. Tus alumnos, lectores, los más próximos tuyos contribuyen para la elección que harás de los temas autóctonos para una obra?

Cuando dicto charlas o imparto talleres de escritura creativa, siempre hablo de que es necesario escribir desde uno, no de uno. Es la experiencia que se acumula por solo el hecho de existir y que sin duda es común con muchas otras personas, cuando somos capaces de poner nuestra experiencia al servicio de un relato conseguimos algo similar a lo que un actor hace con los papeles que le demandan entrar en personalidades distintas a él. En

cambio, cuando se escribe de uno, por lo general caemos en la autobiografía y no somos capaces de establecer una distancia adecuada para que esa experiencia tenga un carácter universal. *El suicidante del Moraleda* es un texto que nace inspirado de viajes por los canales australes, desde Quellón hasta Puerto Chacabuco, varios viajes que me permitieron explorar paisajes que están vedados para muchos, pero que en su extrañeza son universales. En cuanto a los mitos, prefiero abordarlos de modo tangencial, no entrar en ellos, para no caer en la imagen folclórica o en el relato costumbrista del cual está repleta la literatura, esto sin desmerecerla, pero ese no es mi camino, prefiero crear a partir de eso, un nuevo mito, un híbrido que contenga elementos de otros existentes e inventados.

Se ha hecho una traducción para portugués de uno de tus cuentos, la gente en la universidad está leyendo tus trabajos. Se supone que los temas del Sur de Chile han traspasado fronteras. ¿Qué te parece esta contribución tuya para expandir los temas locales?

El sur de Chile es mágico, tiene condiciones únicas desde el clima y el paisaje, alguien que llevó esto a la perfección fue Francisco Coloane, sin proponerse escribir literatura fantástica llenó nuestra imaginación de paisajes australes, personajes y oficios que muy pocos, que no sean del extremo sur, conocen. Ese sin duda es uno de mis referentes en cuanto a mostrar el Sur, la aventura, lo desconocido, lo extraño, lo macabro, la oscuridad, la inclemencia climática. Este, si se quiere, puede ser un mundo de locura, este, si se puede, quiere ser un mundo que merece ser contado, como Poe lo hizo con *Arthur Gordon Pym*, como Lovecraft lo hizo con *En las montañas de la locura*, eso creo que es mi objetivo, o al menos uno de ellos.

Terror Láríco, se puede decir que es una innovación literaria y por consiguiente se puede preguntar: ¿Estás renovando las letras chilenas?

Es una innovación estoy intentando renovar las letras, estoy tratando de encontrar un espacio desde el sur, desde la ruralidad y no tener que terminar en una gran ciudad o en la capital, pues acá está mi sustento, mis virus, mis contagios. Tal vez sea demasiado pretencioso decirlo, no así quererlo y esforzarse por lograrlo. El que me lean en Brasil, gracias a sus traducciones me llena de orgullo y me da bríos. Universalizar lo que uno cree es una mirada disruptiva, subversiva, crítica y en ocasiones hasta naif, desde un pueblo de 20 mil habitantes a miles de kilómetros de sus lectores es sin duda todo un logro. De no ser por ustedes, está claro, no se podría, pero por suerte existe la tecnología, la mundialización

que nos permite estar conectados, manteniendo nuestras cuotas de independencia de lo que se escribe y del tipo de mundo que queremos mostrar en la literatura.

¿Lo Lárico de tu obra tiene influencia de la poesía de los poetas de los lares? ¿Tomas como referente para tu narrativa poetas como Floridor Pérez o Jorge Teillier?

Teillier es mi pastor, con él nada me ha de faltar, su poesía, su mirada, sus textos críticos, entrevistas y ensayos van de la mano de mucho de lo que es mi consigna, cuánto quisiera que el nombre con el que se autodenominó *El Guardián del mito*, recayera en algún momento en mí. Hay un libro fundamental para entenderlo en su creación y contexto literario, un libro de Niall Bins titulado *La tragedia de los lares*, ese ensayo es fundamental para recrear lo que espero, en algún momento, publicar como manifiesto del Terror Lárico. También la ecocrítica es una manera renovada de ver el quehacer literario, algo que no se descuelga de lo que estamos padeciendo como sociedad, algo que nos tiene con los días contados y que la literatura es capaz de mostrar o evidenciar.

En lo que dice respecto al terror: ¿cuáles son tus referentes, qué libros y qué autores están en tu biblioteca? ¿Hay entre tus libros leídos obras traducidas al español?

Mis referentes son muchos, son todos maestros, Le fanu, MR James, Poe, Lovecraft, Horacio Quiroga, Coloane, Verne, Stevenson y un largo etcétera, claro todas traducidas al español y en ese sentido cobra mayor relevancia la traducción, editoriales como Cátedra, Alianza y Valdemar son las que tienen traducciones que me gustan, en donde se nota la inversión en este punto fundamental, la hermenéutica de un texto, ese entender qué se quiso decir y cómo, el abordar más elementos que la mera traducción literal.

¿En el trabajo como editor, publicas obras traducidas por su editorial? ¿Han planes de publicar obras de terror extranjeras?

De momento, he publicado autores en antologías y ahora con libros de cuentos de otras nacionalidades, pero estoy pasando por un periodo de reestructuración en que pretendo dedicarme más a la escritura que a la editorial, principalmente por un tema de energías y porque siento que a estas alturas he conseguido el nivel que esperaba conseguir cuando partió todo.

Uno de tus proyectos actuales está direccionado a la literatura infantil, cuéntenos un poco de este proyecto.

El verano pasado conocí a Hilda Rozas, experta en libro álbum y escucharla, tener la posibilidad de ver su charla cambió muchos elementos de los que me sentía seguro, un replanteamiento de la dirección hacia la que ir. Siempre con la convicción de ser un real aporte y no hacer más de lo mismo. Es por eso que nuestro Kamishibai es una décima espinela que viene de una lira popular, en el que los textos son versos Octasilábicos con rima consonante. Este se titula “Al hijo del diablo aún lo tienen vivo y mientras no muera nada pasará”. En cuanto a los libros álbum estoy intentando plasmar una mirada desde la familia en la que el padre tiene un rol más activo, principal como agente que conduce el relato, una reivindicación de lo que a los hombres hoy en día se les hace. La figura del padre es fundamental, así como la de la madre, pero hoy se tiende a invisibilizar. La búsqueda de elementos que no se hayan trabajado, el no humanizar a los animales, la desintegración de la familia. Todo esto, no es con un fin moralizante ni conservador, todo lo contrario, es sumar una mirada, es proponer una perspectiva.

Entrevista traduzida ao Português



Ilustração: Elys Regina Zils

Olá, Aldo. Primeiramente, gostaríamos que nos conte um pouco sobre você. Nos fale sobre as suas origens na literatura e de como você se autodefine na literatura.

Minhas origens na literatura vêm da poesia, uma vez que eu saí da Universidade como professor de educação básica, junto com outros escritores fundamos o Círculo de Poetas e escritores de Quellón, em Isla Grande de Chiloé, logo de escrever poesia existencialista e Lira Popular, me iniciei no relato onde acredito que encontrei um nicho. Publiquei em um

jornal local, em blogs especializados em literatura fantástica e de terror. Isso desencadeou meu primeiro livro de contos, *Mente suicida y otras muertes* (2012) que saiu por uma editora do outro extremo do Chile: Arica. Esse livro me abriu as portas do mundo dos escritores, logo veio a antologia, *Chile del terror una antología ilustrada* (2014), a participação em diversas antologias de contos. Em 2015 apareceria meu livro de ensaios *Ensayo fantástico*, ou *cómic El Meteoro, lo que se esconde en el abismo*, 2016 meu livro mais exitosos até o atual momento, *El Rapto, el origen del miedo*, em 2018, *Parafilias, El rapto y otros cuentos* em Costa Rica e *Pródromo* no Peru e este ano trabalho em projetos de álbum ilustrado e kamishibai. Eu me defino como um escritor que busca desprender-se da normalidade, tentando deixar de lado a influência e buscando uma voz própria, nesse trabalho que estou agora, estou variando meus registros e tentando publicar tudo que está armazenado, ou ao menos, o que tenha maior qualidade.

Além de escrever vários textos de terror, de promover encontros sobre o tema, você participa na organização do Festival Internacional de Cine de Terror da cidade de Valdivia e comanda a iniciativa cultural, Valdivia Capital do Terror. Ou seja, está dedicando muita energia ao gênero do terror. Mas o que significa o gênero do terror para você?

Para mim o terror é a possibilidade de explorar novos mundos, desenvolver até o extremo a imaginação, criar mundos possíveis e fazer verossímil o que não existe. Nesse plano, o incentivo à leitura para jovens, nos colégios, é fundamental, na formação de audiência e desconstruir preconceitos em torno de um gênero que tem grandes ícones na literatura mundial. É possível entender o terror e desenvolvê-lo como um gênero que nada deve invejar aos outros, finalmente se trata de contar boas histórias que conseguem comover o leitor.

Você tem experiência com a escrita, edição e publicação dos seus livros. Neste cenário, como é sua relação com o ilustrador (a) de seus livros? Como funciona a seleção das ilustrações?

Vejo os ilustradores como coautores, eles têm a possibilidade de contar a mesma história desde outra perspectiva, conseguir que um texto se potencie com a visualidade para mim é fundamental. É por isso que tenho os livros publicados com Ana Oyandel, um *cómic* e um livro que está por sair com All Gore e com Samuel Lizama em que estamos abordando o

kamishibai e o livro álbum. Se não fosse pelos ilustradores sinto que não seria tão divertido publicar.

As ilustrações ajudam a criar um efeito de silêncio que a palavra escrita pode não conseguir, mas também pode limitar o espaço para que o leitor crie suas próprias imagens. Fale um pouco sobre a contribuição das ilustrações na atmosfera de terror nos seus livros.

Sinto que um ilustrador não somente deve remeter-se a reinterpretar o que o escritor plasma no texto, o ilustrador deve ser capaz de colocar também sua voz neste trabalho, pois ambos são vistos de forma separada, mas também em uma simbiose, por isso a responsabilidade de realizar um trabalho bem feito radica no entendimento e conexão que ambos tenham, definitivamente, penso que é uma tarefa de equipe. Acredito que é por essa razão que agora estou me direcionando ao livro álbum.

No seu cotidiano de escritor, professor, entre outras atividades. Como você administra e gere tempo da escrita? Quando você escreve, como são os seus procedimentos?

O tempo, lamentavelmente, é limitado, pela quantidade de coisas que eu faço, é quase impossível ter uma rotina, então os contos ou as ideias dão voltas na minha cabeça por um bom tempo, observo como se tratasse de um filme ou de um *storybook*, logo, quando as condições permitem, escrevo, geralmente de maneira até doentia até que a ideia que originou minha doença (risos), vejo a literatura como uma doença necessária, que nos consome e que dá motivos para o restabelecimento, que permite deixar de lado sintomas que se apresentam, essa ideia de exorcizar os demônios, por muito romântica que pareça, se for bem conduzida tem como resultado um texto de qualidade. Meu primeiro livro publicado no Peru com a editora *Ángeles del papel* de Lima têm como título *Pródromo*, e este *pródromo* é o sintoma prévio a dor, é uma espécie de doença incubada que deve desencadear-se para que através da dor demos luz ao que falte para este caminho da escrita.

Como você escolhe o tema para uma obra? Por exemplo, no “Suicidante” se percebem os ecos das lendas locais do Sul do Chile. Você constrói seus textos desde uma perspectiva intertextual? Ou apenas oferece pistas e é o leitor, com tempo, que deverá entender as questões sociais e culturais transversais ao texto. Seus alunos,

leitores, os mais próximos a você contribuem para a escolha que você fará de temas autóctones para uma obra?

Quando eu dou palestras e ministro oficinas de escrita criativa, sempre falo de que é necessário escrever a partir de si, e não escrever sobre si mesmo. É a experiência que se acumula pelo simples fato de existir e que sem dúvida é comum a muitas pessoas, quando somos capazes de colocar nossa experiência ao serviço de um relato, conseguimos algo parecido ao que um ator faz com os papéis que lhe exigem oferecer personalidade diferentes das dele. Ao contrário, quando se escreve de si mesmo, caímos na autobiografia e não somos capazes de estabelecer uma distância adequada para que esta experiência tenha um caráter universal. O “Suicidante do Moraleda” é um texto que nasce inspirado nos canais austrais desde *Quellón* até *Puerto Chacabuco*, várias viagens que me permitiram explorar paisagens que estão fechados para muitos, mas que em sua estranheza são universais. Com relação aos mitos, prefiro tocá-los de modo tangencial, não entrar neles para não cair na imagem folclórica ou no relato costumbrista que está bastante presente na literatura, isto sem desmerecer, mas esse não é meu caminho, prefiro criar a partir disso, um novo mito, um híbrido que contenha elementos de outros existentes e inventados.

Foi feita uma tradução para o português de um dos seus contos, e as pessoas na Universidade estão lendo seus trabalhos. Se supõe que os temas do Sul do Chile ultrapassaram fronteiras. O que você acha dessa contribuição sua para expandir os temas locais?

O Sul do Chile é mágico, tem condições únicas desde o clima e a paisagem, alguém que levou isso à perfeição foi Francisco Coloane, sem propor-se escrever literatura fantástica encheu nossa imaginação de paisagens austrais, personagens e ofícios que poucos, que não sejam do extremo Sul conhecem. Esse sem dúvida é um dos meus referentes enquanto a dar visibilidade para o Sul, a aventura, o desconhecido, o estranho, o macabro, a escuridão a inclemência climática. Este, caso se queira, pode ser um mundo de loucura, este, caso se possa, é um mundo que merece ser contado como Poe o fez com *Arthur Gordon Pym*, como Lovecraft fez com *En las montañas de la locura*, isso penso que é o meu objetivo, ou ao menos um deles.

Terror Láríco, se pode dizer que é uma inovação literária e por conseguinte se pode perguntar: Você está inovando as letras chilenas?

É uma inovação, estou tentando renovar as letras, estou querendo encontrar um espaço a partir do sul, desde a ruralidade e não ter que terminar em uma grande cidade ou capital, pois aqui está o meu ganha pão, meus vírus, meus contágios. Talvez seja bastante pretensioso dizer, mas não o mesmo querer e esforçar-se para conseguir. E que me leiam no Brasil, graças às suas traduções, me enche de orgulho e me dá *bríos*. Divulgar o que um acredita que é um olhar disruptivo, subversivo, crítico e em ocasiões até *naif*, desde um povo de 20 mil habitantes a milhares de quilômetros dos seus leitores é sem dúvida uma conquista. Se não fosse por vocês, está claro, não se poderia, mas por sorte existe a tecnologia, a mundialização que nos permite estar conectados, mantendo nossas cotas de independência do que se escreve e do tipo de mundo que queremos mostrar na literatura.

O *Lárico* da sua obra tem influência da poesia dos poetas dos lares? Você têm como referente para sua narrativa poetas como Floridor Pérez ou Jorge Teillier?

Teillier é meu pastor, com ele nada haverá de faltar, sua poesia, seu olhar, seus textos críticos, entrevistas e ensaios vão ao encontro de muito do que é minha consigna, quanto quisera que o nome com que se autodenominou *El Guardián del mito*, recaísse em algum momento em mim. Tem um livro fundamental para entendê-lo em sua criação e contexto literário, um livro de Niall Bins sob o título *La tragédia de los lares*, esse ensaio é fundamental para recriar o que espero, em algum momento, publicar como manifesto do *Terror Lárico*. Também a ecocrítica é uma forma renovada de ver a tarefa literária, algo que não se distancia do que estamos padecendo como sociedade, algo que nos têm com os dias contados e que a literatura é capaz de mostrar e evidenciar.

No que diz respeito ao terror, quais são suas referências, quais livros e que autores estão na sua biblioteca? Entre esses livros estão obras traduzidas ao espanhol?

Minhas referências são muitas, são todos mestres, Le fanu, MR James, Poe, Lovecraft, Horacio Quiroga, Coloane, Verne, Stevenson e um longo etcétera, claro todas traduzidas ao espanhol e neste sentido cobra maior relevância a tradução, editoras como Cátedra, Alianza e Valdemar são as que têm traduções que eu gosto, onde se percebe o investimento em um ponto fundamental, a hermenêutica de um texto, esse entendimento do que se quis dizer e como, uma aproximação a elementos que vão além de uma tradução literal.

No seu trabalho como editor, você publica obras traduzidas nas suas editoras? Existem planos de publicar obras de terror estrangeiras?

No momento, tenho publicado autores em antologias e agora com livros de contos de outras nacionalidades, mas estou passando por um período de reestruturação em que pretendo dedicar-me mais à escrita que à editora, principalmente por um assunto de energias e porque eu sinto que neste momento consegui o nível que esperava quando começou tudo.

Um dos seus projetos atuais está direcionado para a literatura infantil, fale um pouco desse projeto.

No verão passado conheci a Hilda Rozas, especialista em livro álbum e ouvi-la, ter a possibilidade de assistir sua palestra mudou a perspectiva com a qual eu me sentia seguro, um replanejamento da direção para onde ir. Sempre com a convicção de ser um real aporte e não fazer mais do mesmo. É por isso que nosso Kamishibai é uma décima espinela que vem de uma lira popular em que os textos são versos octossilábicos com rima consoante. Este intitulado *Al hijo del diablo aún lo tienen vivo y mientras no muera nada pasará*. Com relação aos livros álbuns estou tentando plasmar um olhar desde a família, na qual o pai têm um papel mais ativo, principalmente como agente que conduz o relato, uma reivindicação do que aos homens hoje em dia é solicitado. A figura do pai, é fundamental, assim como a da mãe, mas se tende a invisibilizar. A busca de elementos que não se tenham trabalhado, o não humanizar animais, a desintegração da família. Tudo isto, não com um fim moralizante nem conservador, totalmente o contrário, mas, sim, somar um olhar e propor uma perspectiva.

REFERÊNCIAS

AYALA PÉREZ, Teresa. La expresión de la identidad chilena a través de unidades fraseológicas cotidianas. IN: LEAL RIOL, M.^a Jesús (coord.) Convergencia y divergencia fraseológicas en el mundo hispano. *Paremia*, 24, 2015, pp. 125-136. Disponível em: <https://cvc.cervantes.es/lengua/paremia/pdf/024/011_ayala.pdf>. Acesso em: 19 abr. 2019.

CUADRA, A.; BEZERRA, M.; SOBOTTKA, M. O Suicidante do Moraleda. *Belas Infieis*, v. 7, n. 1, p. 233-247, 31 jul. 2018. Disponível em:

<<https://doi.org/10.26512/belasinfeis.v7i1.12571>>. Acesso em 29 set. 2019.

CUADRA, Aldo Astete. *El Rapto: El origen del miedo*. Santiago de Chile: Sur Umbral Ediciones, 2016.